

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
ELIZANDRA GUARIZE

**ENSINAR FILOSOFIA OU ENSINAR FILOSOFICAMENTE – UM NOVO  
PARADIGMA DA EDUCAÇÃO SOB PONTO DE VISTA DE EDGAR MORIN**

COLOMBO  
2015

ELIZANDRA GUARIZE

**ENSINAR FILOSOFIA OU ENSINAR FILOSOFICAMENTE – UM NOVO  
PARADIGMA DA EDUCAÇÃO SOB PONTO DE VISTA DE EDGAR MORIN**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em  
Ensino de Filosofia para o Ensino Médio apresentado à  
Universidade Aberta do Brasil/ Universidade Federal do  
Paraná como requisito para obtenção do título de  
Especialista.

Orientador (a): Paulo Vieira Neto

COLOMBO  
2015

## Resumo

Este artigo tem como finalidade analisar o papel da Filosofia na educação não apenas como disciplina programática mas também como nova abordagem do conhecimento na educação básica de acordo com o ponto de vista de Edgar Morin e o novo paradigma necessário para a educação do futuro que é o pensamento complexo.

**Palavras-chave:** Filosofia no Ensino Básico, Ensinar Filosoficamente, Filosofia da Educação, Edgar Morin, Pensamento Complexo, Paradigmas da Educação do Futuro

## Introdução

Ao tentarmos entender o papel do ensino da Filosofia no Ensino Médio é necessário termos em mente a situação da educação e as dificuldades e problemas que vamos enfrentar. Estamos frente a um paradigma na educação, pois ela se distância completamente da realidade que nos cerca por hiperespecializar os conhecimentos enquanto a realidade é cada vez mais interconectada.

Vivemos em mundo globalizado, com problemas que afetam as pessoas não apenas de forma individual, mas a comunidade e o planeta como um todo. O mundo se transformou nos últimos séculos em um lugar muito pequeno, onde as distâncias são apenas ilusões e a qualquer momento, através dos meios de comunicação, podemos atravessar fronteiras. É fácil perceber os benefícios e o desenvolvimento que essa realidade nos trouxe mas, por outro lado, os problemas que enfrentamos também não ficam regionalizados, eles transpassam essas mesmas distâncias como se elas não existissem.

Enquanto isso, nas escolas, ainda seguimos um método, frequentemente apontado como derivado daquele que propunha Descartes que sugeria que tenderia a isolar os conhecimentos, separando-os por gêneros definidos, abstrai as relações entre os fenômenos originais investigados, em nome de relações limitadas e fáceis resumir sob a forma de uma regra, que depois vem a ser generalizada. Em função disso criam-se *disciplinas separadas*,

sem relações internas, que desenvolvem seus assuntos independentemente e a partir dessas abstrações tomadas como ponto de partida. Sem dúvida esse modelo serviu ao longo de séculos para um enorme desenvolvimento da ciência, mas com a nova realidade com que nos deparamos durante o século XX demos de frente com um grande paradigma: o mundo tem problemas complexos, que são muito mais que a soma das diversas partes que nos esforçamos em estudar.

“O modelo mental cartesiano é indispensável para resolver os problemas humanos mecânicos (abordáveis pelas ciências ditas exatas e pela tecnologia). Mas é insuficiente para resolver problemas humanos em que participam emoções e sentimentos (a dimensão psico-social). Um exemplo: o raciocínio linear aumenta a produtividade industrial por meio da automação, mas não consegue resolver o problema do desemprego e da exclusão social por ela gerados, porque se trata de questões não-lineares. O mundo financeiro é apenas mecânico, mas o universo da economia é mecânico e humano.” (MARIOTI, 2000)

Dividimos a realidade em partes, mutilamos o conhecimento, perdemos a noção do todo e do contexto dos problemas e as soluções que alcançamos são tão mutiladas e ineficientes quanto o método utilizado, o que nos impede tanto de entender quanto de resolver os problemas do mundo ao redor. “Há uma inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas, e, por outro lado, realidades ou problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários.” (MORIN, 2003, 13)

Toda essa especialização impede de vermos o todo e também acaba diluindo aquilo que é essencial mas segundo Morin, “os problemas essenciais nunca são parceláveis, e os problemas globais são cada vez mais essenciais.” Existe um limite até onde o problema particular pode ser entendido fora do contexto em que surgiu, e esse contexto é cada vez mais globalizado.

Boa parte da crítica de Morin sobre a educação é modelo que seguimos ainda hoje, ou seja, uma educação retalhada em disciplinas isoladas, e ela não nos permite entender o complexo, aquilo que é tecido junto, pela etimologia da palavra. Os conhecimentos da escola ficam distantes e desconexos da realidade. Todo o conhecimento adquirido é ineficaz para resolver os problemas complexos que nos deparamos no século XXI. Não desenvolvemos a inteligência necessária para entender a complexidade que nos cerca.

“A inteligência que só sabe separar fragmenta o complexo do mundo em pedaços separados, fraciona os problemas, unidimensionaliza o multidimensional. Atrofia as possibilidades de compreensão e de reflexão, eliminando assim as oportunidades de um julgamento corretivo ou de uma

visão a longo prazo. Sua insuficiência para tratar nossos problemas mais graves constitui um dos mais graves problemas que enfrentamos. De modo que, quanto mais os problemas se tornam multidimensionais, maior a incapacidade de pensar sua multidimensionalidade; quanto mais a crise progride, mais progride a incapacidade de pensar a crise; quanto mais planetários tornam-se os problemas, mais impensáveis eles se tornam. Uma inteligência incapaz de perceber o contexto e o complexo planetário fica cega, inconsciente e irresponsável.” (MORIN, 2003, 15)

Infelizmente a educação tal e qual encontramos hoje em nossas escolas é a ferramenta utilizada para mutilar a capacidade de nossos alunos de compreender o complexo, desde o momento em que eles colocam os pés nos estabelecimentos de ensino são doutrinados a compartimentar, isolar, simplificar, especializar, disciplinarizar os conhecimentos como se fosse possível classificar a realidade em um escaninho de disciplinas que não estão relacionadas. “Ora, o conhecimento pertinente é o que é capaz de situar qualquer informação em seu contexto e, se possível, no conjunto em que está inscrita. Podemos dizer até que o conhecimento progride não tanto por sofisticação, formalização e abstração, mas, principalmente, pela capacidade de contextualizar e englobar.”(MORIN, 2003, 15)

Segundo Morin “por detrás do desafio do global e do complexo, esconde-se um outro desafio: o da expansão descontrolada do saber”. A quantidade e a velocidade das informações que temos hoje em dia tornam impossível até ao mais dedicado especialista ficar em dia com toda informação disponível. E toda essa informação fragmentada só serve para área técnica não para entendermos o âmago das questões que desafiam a humanidade. Como sintetiza bem T.S. Eliot na sua frase: “Onde está a sabedoria que nós perdemos no conhecimento? Onde está o conhecimento que nós perdemos na informação?”

Para tentar resolver uma parcela desses problemas o ensino de Filosofia foi reintegrado à grade curricular, e a disciplina teria o papel de redentora. Seria a disciplina capaz de desenvolver no aluno essa inteligência holística. Que transpassaria todas as disciplinas interrelacionando-as e demonstrando a complexidade do mundo moderno. E desenvolvendo no aluno a capacidade de analisar criticamente as situações contextualizando os problemas e achando soluções nas diversas áreas do conhecimento estudadas.

É obvio que os professores de Filosofia vão falhar cabalmente nessa jornada, se não forem tomadas providências mais amplas que a simples aplicação de mais uma disciplina a um quadro de disciplinas que funciona em função de sua especialização. É impossível para uma disciplina com duas horas semanais, que só vai ser ministrada no ensino médio, desconstruir uma forma de pensar que está enraizada nos alunos desde a mais tenra infância e

ensinar uma nova forma de pensar enquanto todos os seus pares continuam trabalhando especializadamente.

O que Morin vai propor como parte da solução desse problema é que modifiquemos a forma de ensinar. Que tenhamos em vista como um quadro sinóptico os *sete saberes fundamentais* que precisamos ensinar neste século, saberes estes que são ignorados ou esquecidos. “Há sete saberes fundamentais que a educação do futuro deveria tratar em toda sociedade e em toda cultura, sem exclusividade nem rejeição, segundo modelos e regras próprias a cada sociedade e a cada cultura.” (MORIN, 2011, 15). Quais são esses saberes e o papel de Filosofia em cada um deles é o que veremos mais a frente.

## **1 A Patologia do Saber, A Inteligência Cega**

“Vivemos sob império do princípio da disjunção, de redução e abstração cujo conjunto constitui o que chamo de o ‘paradigma de simplificação’. Descartes formulou este paradigma essencial do Ocidente, ao separar o sujeito pensante e a coisa entendida, isto é, filosofia e a ciência, e ao colocar como princípio de verdade as idéias ‘claras e distintas’, isto é, o próprio pensamento disjuntivo” (MORIN, 2005, 11)

O princípio da disjunção separou as três grandes áreas do conhecimento: a Física, a Biologia e a Ciência do Homem. Simplificou os problemas dessas três áreas, isolou-os e perdeu de vista que todas essas áreas são apenas criações mentais e que no mundo é impossível isolar o Homem, da Biologia e da Física.

Esse pensamento simplificador que é incapaz de perceber o múltiplo, que anula a diversidade leva ao que Morin chama de inteligência cega e essa “destrói os conjuntos e as totalidades, isola todos os objetos do seu meio ambiente. Ele não pode conceber o elo inseparável entre observador e a coisa observada.”

É exatamente essa separação que o método Cartesiano elaborou, ele separou o indivíduo do objeto, focou no objeto que é simples e abandonou o observador. Mas é o observador que interpreta, que dá valor, que julga, que vive a realidade e utiliza o conhecimento adquirido. Como diz Jean Piaget: "Os fenômenos humanos são biológicos em suas raízes, sociais em seus fins e mentais em seus meios". Só porque é complexo, múltiplo, variado, desordenado, confuso e as vezes único não deve ser colocado de lado na equação do conhecer.

Os problemas humanos estão entregues exatamente a esse conhecer que desconsidera o homem na equação, que não percebe o contexto onde o conhecimento esta inserido, a quem

ele serve e seu real valor na atualidade. Essa incapacidade de entender as situações humanas (o ser individual e o conjunto da humanidade planetária) na sua complexidade nos conduz a infinitas tragédias e erros de julgamento e pode ainda nos levar à grande tragédia.

## **2 O Pensamento Complexo**

“O que é a complexidade? A um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (complexus: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. Mas então a complexidade se apresenta com traços inquietantes do emaranhado do inextrincável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza...” (MORIN, 2005, 13)

O conhecimento científico foi e ainda é muitas vezes utilizado para acabar a aparente complexidade dos fenômenos a fim de demonstrar a ordem simples que eles obedecem. A complexidade dos fenômenos e do pensamento foi banida pelo pensamento cartesiano que elabora o paradigma da simplificação/redução/unidimensionalização como a solução para o avanço do conhecimento. Mas o pensamento atual com que tentamos explicar mundo de maneira hipersimplificada e mutilada conduz necessariamente a ações mutilantes.

É complexo "o que não se pode resumir numa palavra-chave, o que não pode ser reduzido a uma lei ou ideia simples". Não se pode explicar a complexidade com uma definição simples. A complexidade é uma palavra problema e não solução.

A necessidade de um pensamento complexo não pode ser explicada em uma afirmação única. É ao longo da história e na limitação e carência das explicações e do pensamento simplificador que vemos a necessidade de um pensamento capaz de lidar com o real, de com ele dialogar e negociar.

Há duas ilusões com respeito a complexidade: primeiro, ela não elimina a simplicidade ela apenas surge quando a explicação simplificante falha e não dá conta de explicar a realidade. Ela integra os conhecimentos, põe em ordem, dá relevância, clareza, distinção e precisão. Mas, com essa integração, ele recusa as consequências mutiladoras, redutoras e unidimensionais do pensamento simplificante. E segundo, o pensamento complexo também não se confunde com completude, ele apenas tenta enxergar de maneira multidimensional, sem ter a pretensão de religar as diversas disciplinas, tem consciência que o conhecimento pleno não é possível. Um dos axiomas do pensamento complexo, é exatamente, a impossibilidade da onisciência. Mas aspira um conhecimento não fragmentado, não

compartimentado, não redutor e o reconhecimento que o conhecimento nunca está completo e acabado.

### 3 A Cabeça Bem Feita

Segundo Morin "a primeira finalidade do ensino foi formulada por Montesquieu: mais vale uma cabeça bem feita que uma cabeça bem cheia." E isso significa dizer que, um monte de conhecimento acumulado de forma aleatória, gravado e decorado e belamente repetido, mas que não se organiza como todo, que não auxilia na compreensão da realidade, que não tem uma seleção que lhe de sentido, é apenas uma cabeça bem cheia. A cabeça bem feita tem uma aptidão para resolver problemas e organizar os saberes ligando-os e lhes dando sentido, evitando a sua acumulação estéril.

É papel da educação, no sentido de desenvolver uma cabeça bem feita, favorecer a aptidão natural da mente que é a curiosidade e que, frequentemente, é aniquilada pela instrução. O desenvolvimento da inteligência requer que o conhecimento esteja ligado a dúvida, ao bom uso da lógica, da dedução, da indução discussão e da argumentação. Esta também ligado segundo Morin "ao que os gregos chamavam de *metis*", atitudes mentais que estão ligadas a sagacidade, leveza de espírito, atenção constante, desenvoltura e o senso de oportunidade. Seria fundamental a serendipidade, arte de transformar pequenos detalhes, aparentemente insignificantes, em indícios que permitam reconstruir uma história.

Nosso sistema educacional foca na separação ao invés da ligação, privilegia a análise em detrimento da síntese. Com isso os conhecimentos ficam isolados de seus conjuntos, de seu contexto natural dificultando situá-lo no mundo. Enxergá-lo como elemento inseparável de seu meio ambiente, o que Morin chama de pensamento ecologizante. Pois um tipo de raciocínio assim é necessariamente um pensamento complexo pois busca suas relações, inter-retro-ações de cada fenômeno com seu contexto a reciprocidade entre o todo e a parte. É entender a unidade na diversidade, perceber a humanidade nos vários indivíduos e culturas. Um pensamento unificador que nos leva a um contexto planetário. Uma verdadeira realidade de nosso tempo.

Morin estabelece quais seriam os princípios que poderiam "elucidar as relações de reciprocidade entre o todo e a parte, bem como o elo natural que liga as coisas mais distantes e diferentes, que a possibilita compreender que a mesma coisa poder ser causada e causadora, ajudada e ajudante, mediata e imediata" em um capítulo de seus livros que ele chama de

reforma do pensamento.

#### **4 Sete Princípios para a Formação de um Pensamento Complexo**

Há necessidade de compreender nesse ponto que a reforma do pensamento é uma reforma paradigmática pois está relacionada com a nossa aptidão de organizar o pensamento. Para Morin "Um pensamento capaz de não se fechar no local e no particular, mas de conceber conjuntos, estaria apto a favorecer o senso de responsabilidade e cidadania.

"Há, efetivamente, necessidade de um pensamento: que compreenda que o conhecimento das partes depende do conhecimento do todo e que o conhecimento do todo depende do conhecimento das partes; que reconheça e examine os fenômenos multidimensionais, em vez de isolar; de maneira mutiladora, cada uma de suas dimensões; que reconheça e trate as realidades, que são, concomitantemente solidárias e conflituosas (como a própria democracia, sistema que se alimenta de antagonismos e ao mesmo tempo os regula); que respeite a diferença, enquanto reconhece a unicidade.

É preciso substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une. É preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo, no sentido originário do termo *complexus* : o que é tecido junto. De fato, a reforma do pensamento não partiria de zero. Tem seus antecedentes na cultura das humanidades, na literatura e na filosofia, e é preparada nas ciências." (Morin, 2008, pgs. 88 e 89)

Para tanto, Morin, propõe uma mudança em todos os níveis que formulará um pensamento capaz de enfrentar as incertezas e ligar os conhecimentos; que substituirá a causalidade linear pela multiplicidade multireferencial; que se afastará da lógica clássica, sendo capaz de dialogar e conceber noções complementares e antagonistas e que completará a integração do todo e das partes.

Ligará a compreensão à explicação. Explicar é consirar o objeto de conhecimento apenas como um objeto e analisá-lo para elucidar seus problemas. A explicação é necessária para a compreensão intelectual, mas é insuficiente para a compreensão humana. Compreender está baseado sobre a comunicação e a empatia. Compreender exige um processo de identificação e projeção de sujeito a sujeito. Exige abertura e generosidade. "Enfrentar a dificuldade da compreensão humana exigiria o recurso não a ensinamentos separados, mas de uma pedagogia conjunta que agrupasse filósofo, psicólogo, sociólogo, historiador, escritor, que seria conjugada a uma iniciação à lucidez" (Morin, 2008, pg. 53). A lucidez está principalmente na consciência da onipresença do problema do erro.

O primeiro princípio é o sistêmico ou organizacional. É o princípio que estabelece a

ligação do todo e das partes e assumindo a idéia sistêmica que afirma que "o todo é mais do que a soma de todas as partes". Em qualquer tipo de relação entre as partes o todo, o conjunto produz qualidades próprias, valores e características que só aparecem no conjunto. E também o todo "é menos que todas as partes" pois para organizar o conjunto algumas dessas particularidades são inibidas.

O segundo é o princípio holográfico. O termo holográfico aqui é utilizado inspirado no holograma, em que cada ponto contém a quase totalidade da informação do objeto que ele representa. E esse princípio evidencia "o aparente paradoxo das organizações complexas, pois não só as partes estão no todo mas o todo está nas partes. O patrimônio genético está em cada célula e a sociedade está presente em cada indivíduo através de sua cultura, linguagem e normas."

O terceiro princípio é o do circuito retroativo. Esse princípio foi introduzido por Nobert Wiener na sua cibernética e permite entender os processos auto-reguladores. Ele rompe com a ideia da causalidade linear pois o efeito age sobre a causa. Para exemplificar, uma ação que seja tomada por uma companhia qualquer causa uma reação no seu público alvo, essa reação é analisada pela própria empresa possibilitando uma readequação de suas posturas. É o feedback que permite que sejam reanalisadas as decisões causando um novo equilíbrio no sistema. Ou mesmo uma reação inflacionária onde um ato violento provoca uma reação violenta, que por sua vez causa outra maior. Essas retroações são incontestáveis nos fenômenos sociais, econômicos, políticos e psicológicos.

O quarto princípio é o do circuito recursivo. É um circuito onde "os produtos e os efeitos são, eles mesmos, produtores e causadores daquilo que os produz". Para melhor compreender como funciona esse circuito recursivo nós seres humanos estamos seguindo padrões de comportamento estipulados desde o começo dos tempos, mas esses padrões só são reproduzidos porque nós mesmos assim os acolhemos e os repetimos produzindo novamente os mesmo comportamentos. Nós produzimos iterações que repetimos e, porque assim o fizemos, esses comportamentos continuarão a ser repetidos, nós reproduzimos a humanidade novamente toda vez que agimos segundo a linguagem e a cultura.

O quinto princípio da autonomia/dependência. Os seres humanos são auto-organizadores, somos autônomos e, para poder preservar essa autonomia e produzir, gastamos energia. Essa energia, informação ou organização tem que ser retirada de algum lugar: a saber, do ambiente. Ou seja, somos dependentes desse ambiente de onde nos abastecemos,

dependemos de nossa cultura e do nosso meio geológico. A autonomia humana é inseparável da sua dependência e é por isso que precisamos nos reconhecer como seres auto-ecoorganizadores. Onde o aspecto básico é o fato de se regenerar permanentemente da morte das próprias células mortas.

O sexto princípio é o dialógico. É ilustrado pela fórmula de Heráclito "viver de morte, morrer de vida" pois une dois conceitos que deviam se excluir reciprocamente mas que são indissociáveis em uma realidade. A dialógica permite assumir racionalmente a inseparabilidade de noções contraditórias. O indivíduo desaparece quando analisado como espécie e em sociedade, a sociedade e a espécie desaparecem quando considerado o indivíduo. A dialógica tem que unir essa realidade onde um exclui automaticamente o outro e compreender a sua mútua existência.

E o sétimo e último princípio é o da reintrodução do conhecimento em todo conhecimento. Esse princípio relembra que todo conhecimento é uma reconstrução, feita por uma mente, em uma determinada época e cultura. Profundamente ligada ao sujeito que a produziu e limitada pelo seu próprio tempo.

## **5 A Condição Humana**

Rousseau já afirmava que "nosso verdadeiro estudo é o da condição humana" e estudar a condição humana não depende apenas das ciências humanas como se poderia pensar, depende também das ciências naturais. A cosmologia, as ciências da terra e a ecologia estão intrinsecamente ligadas a nossa própria existência e evolução. Essas ciências nos dão a exata perspectiva de quem nós somos em relação ao universo, ou seja, a vida terrestre é extremamente marginal, assim como o homem surgiu marginalmente no mundo animal. Trazemos em nós o mundo físico, o mundo químico e o mundo vivo e ao mesmo tempo estamos afastados pela nossa consciência e cultura. Entender a condição humana não é afastá-la do universo mas situá-la nele. Essas ciências nos dão a possibilidade de estudar o humano como ser natural e metanatural.

Segundo Morin "a Terra não é uma soma de um planeta físico, de uma biosfera e da humanidade. É a totalidade complexa físico-biológica-antropológica onde a vida é uma emergência da história terrestre" e o ser humano nada mais seria que uma emergência da vida terrestre. A humanidade não se reduz a animalidade mas não existiria sem ela. Somos totalmente biológicos e totalmente culturais. Somos complexos. Somos hologrâmicos.

Já a contribuição das ciências humanas na compreensão da condição humana está extremamente diluída pois está desligada, separada e fragmentada o que acaba por esconder a relação indivíduo/espécie/sociedade. Para Morin seria necessário "construir uma ciência antropossocial religada que conceba o homem como unidade antropológica e em sua diversidades individuais e culturais". A contribuição da cultura da humanidade para a compreensão da condição humana continua fundamental segundo Morin o estudo da linguagem, da literatura, do romance, do cinema, da poesia, das artes nos dá a compreensão do que o homem realmente é. "E enfim a Filosofia, se retomar a sua vocação reflexiva sobre todos os aspectos do saber e dos conhecimentos, poderia, deveria fazer convergir a pluralidade de seus pontos de vista sobre a condição humana." (Morin 2008, pg 46)

E é para o aprendizado da vida que o estudo da Filosofia deve ser revitalizado fornecendo assim o indispensável para desenvolver a capacidade de enfrentar as incertezas de nosso mundo tão importante no mundo de hoje.

Mesmo sem essa ciência do homem que integre todos esses conhecimento os ensino poderia fazer esse papel de convergir os diversos conhecimentos para a melhor compreensão da condição humana.

Aprender a viver é aprender a lidar com a incerteza. E a maior contribuição que o século XX nos deu foi a consciência dos limites do nosso conhecimento. Há duas incertezas intrínsecas a condição humana: a cognitiva e a histórica.

Sobre a incerteza do conhecimento temos três princípios o primeiro é cerebral, pois, todo o conhecimento que produzimos não corresponde a realidade mas é sempre interpretação, contrução e tradução e por isso sempre esta sob a égide do risco de estar errado. O segundo é físico conhecer sempre depende de interpretar e o terceiro é epistemológico e decorre da crise dos fundamentos da certeza, em filosofia a partir de Nietzsche, depois na ciência a partir de Popper e Bachellard.

"Conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza" (Morin, 2008, pg 59). A incerteza histórica está ligada ao caráter absolutamente caótico da nossa evolução. Nossa História começou há mais de dez mil anos e nada resta dos grandes impérios antigos. A História está sujeita a acidentes e nosso futuro é completamente incerto. Não há leis na História que nos permitam dizer quem vai sobreviver e como. Temos que aprender a viver com essa incerteza.

Para isso Morin propõe três viáticos: primeiro preparar-se para viver na incerteza é pensar bem. Ter consciência que a ação é ecológica e que com as ações e retroações uma atitude que eu tome pode se voltar no seu contrário e que tudo isso é imprevisível.

Segundo a estratégia, diferente do programa que funciona bem em condições externas estáveis a estratégia funciona nos momentos imprevisíveis, ambas tem um objetivo final definido mas a estratégia tem a flexibilidade de se adaptar ao contexto e as alterações sempre estando recolhendo informações sobre como a situação está se alterando. "Todo ensino tende para o programa enquanto a vida exige estratégia, serendipidade e arte" (Morin, 2008, pg. 57).

O terceiro eixo viático é o desafio, a estratégia sabe que está lidando com a incerteza e por isso está preparada para ela e para todas as dificuldades que possam se apresentar. Toda vida é incerteza, é aventura e até mesmo na única certeza que é a morte ainda temos a incerteza de como e quando será.

## **6 Os Sete Saberes Necessários Para A Educação Do Futuro**

O primeiro conhecimento necessário para a educação do futuro são as cegueiras do conhecimento. Todo o conhecimento suporta em si a possibilidade de erro e de ilusão um dos maiores erros que se poderia cometer é subestimar essa realidade.

A simples transmissão da informação está sujeita a perturbações e ruídos que alteram a comunicação da mensagem de forma perfeita. O conhecimento não é um espelho que reflete perfeitamente o mundo externo, todas as nossas percepções do mundo são codificadas por nossos sentidos, alteradas pela afetividade e valores pessoais.

É papel da educação dedicar-se a identificação da origem dos erros, ilusões e cegueiras.

Os erros podem ser de ordem mental, segundo Morin (2001, pg. 21) "nenhum dispositivo cerebral permite distinguir a alucinação da percepção, o sonho da vigília, o imaginário do real, o subjetivo do objetivo" e é impossível calcular a importância do imaginário e da fantasia no sistema neurocerebral.

Cada mente é dotada com um potencial de mentira para si própria (self-deception), que é fonte de erros e ilusões. E esse consiste em uma distorção de resposta resultante de uma tendência inconsciente de fornecer auto-relatos positivos. As pessoas sentem que suas respostas são indicativas de sua personalidade real mas este tipo de resposta como uma tendência inconsciente de apresentar-se como capaz e bem ajustado.

O egocentrismo, a necessidade de autojustificativa e a tendência de projetar sobre o

outro a causa do mal fazem que a pessoa minta para si mesma, sem nem se dar conta da mentira que está contando.

A memória também é fonte de erros inúmeros. Segundo Daniel Schacter há sete pecados da memória humana sendo eles: A transitoriedade, a memória se degenera, é mais fácil lembrar de eventos recentes e a cada vez que tentamos acessar uma memória ela se altera; a segunda falha é a distração, muitas vezes não prestamos atenção em certas ações que executamos e elas acabam nos fugindo da mente; em seguida temos a terceira falha, o bloqueio, “a palavra está na ponta da língua mas” não conseguimos lembrar de maneira alguma e por vezes algum tempo depois conseguimos acessá-la; o quarto pecado é a atribuição equivocada, por vezes nos confundimos de fonte temos certeza que foi em um lugar que tivemos a notícia lembramos de detalhes inclusive e foi em outro; o quinto pecado é a sugestionalidade dependendo de como a pergunta é realizada podemos suggestionar nossa memória acessá-la de maneira direcionada; a sexta falha é a distorção os sentimentos e opiniões do indivíduo alteram diretamente a memória formada. O último pecado da memória seria a persistência algumas coisas que queríamos esquecer, mas ficam retornando constantemente à lembrança e perturbando nosso momento presente.

Temos também os erros intelectuais, pois nossas ideias não estão apenas sujeitas ao erro, mas também protegem os erros e as ilusões neles inscritos. Está na lógica organizadora de qualquer sistema deletar as informações que não convém ou não são convenientes. Quanto mais as doutrinas são fechadas mais estão convencidas de sua verdade, elas são invulneráveis qualquer crítica que denuncie seus erros.

Temos os erros da razão. A razão é uma das funções cognitivas que tem como característica principal a abstração da realidade. A racionalidade não abrange o todo da informação ele deleta de seus esquemas tudo aquilo que é particular ou individual, assim sempre que a utilizamos estamos fazendo uma interpretação parcial da realidade. Com o agravante que essa informação que será processada pela razão foi apreendida pela nossa consciência através de percepções sensíveis também parciais e carregadas de valores e emoções como pontuamos ao longo do texto. Com isso em mente, a melhor forma que temos de pensar o mundo e analisar os dados que recebemos é a racionalidade. “A racionalidade é o melhor corretivo contra o erro e a ilusão. Por um lado existe a racionalidade construtiva que elabora teorias coerentes... e por outro há a racionalidade crítica exercida particularmente sobre os erros e as ilusões das crenças, das doutrinas e das teorias.” (MORIN, 2011, pg. 22)

A racionalidade se converte em possibilidade de erro e de ilusão quando se converte

em racionalização. A racionalização acredita ser racional porque utiliza a dedução ao indução mas fundamenta-se nas bases mutiladas ou falsas e nega-se a à verificação e a contestação dos argumentos.

A racionalização é fechada a racionalidade é aberta. A racionalidade migra entre o teórico e o empírico baseia-se num debate de ideias. Conhece os limites da mente e sabe que não se pode ser onisciente. A racionalidade não é um dom de determinada classe de pesquisadores ou mesmo do mundo ocidental, há racionalidade nas mais diversas atividades e sociedades. Começamos a nos tornar racionais quando reconhecemos a racionalização até em nossa racionalidade e nos próprios mitos, entre eles o mito da razão toda poderosa.

Há a necessidade de se reconhecer na educação do futuro um princípio de incerteza racional, que a racionalidade corre o risco constante se não for autocrítica de cair na racionalização.

Há as cegueiras paradigmáticas, pois além das possibilidades de erro nas coerências lógicas das teorias temos o risco de erros paradigmáticos.

O paradigma seleciona algumas ideias que selecionam e excluem os dados que são inteligíveis para a compreensão do mundo. Os indivíduos entendem, conhecem e atuam de acordo com os paradigmas impostos culturalmente neles.

“O paradigma é inconsciente, mas irriga o pensamento consciente, controla-o e nesse sentido, é também supraconsciente.”

O paradigma cartesiano separa o sujeito do objeto, filosofia reflexiva de um lado e pesquisa objetiva de outro. Essa disjunção causa uma dupla visão de mundo e impede a compreensão do mundo como um todo complexo.

Um paradigma pode ao mesmo tempo elucidar e cegar, revelar e ocultar. São nos paradigmas que se esconde o problema-chave do jogo da verdade e do erro.

Junta-se aos paradigmas as convicções e crenças que prevalecem em determinada sociedade. Nela prevalece a força do sagrado, do dogma e do tabu. Com isso há o conformismo cognitivo.

O *imprinting* cultural (*imprinting* é a marca indelével imposta pelas primeiras experiências do animal recém-nascido) marca os humanos, segundo Morin, desde o nascimento com a cultura familiar, escolar, universitária e profissional. Sendo metodicamente reforçada.

O *imprinting* é baseado no mecanismo de buscar a repetição e a fugir da diferença, e essa condição, é óbvio, gera a padronização. Seres humanos com estrutura mental

diferenciada podem construir um mundo diferente.

“Há pouca ou nenhuma resistência ao imprinting leva ao aprofundamento dos condicionamentos, à alienação, à submissão e à perda da criatividade. É, assim, uma condição limitante. Por outro lado, uma postura de resistência radical ao imprinting pode se associar a comportamentos anti-sociais, o que também limita a liberdade e a criatividade. Em outras palavras, a aderência excessiva ao imprinting produz rigidez e esclerose. A resistência radical a ele leva à desordem e à desintegração.” (Mariotti, 2000)

Outro engano comum está na noologia. Nossas crenças e ideias tem vida própria e podem nos possuir. Vivemos em um mundo de mitos que enriquecem nossas culturas. A noosfera é produto de nossa alma e mente, está em nós e nós estamos nela. Os mitos tomam consistência e realidade. Os humanos possuídos por esses mitos são capazes de matar e morrer por uma ideia. Idealizamos esses mitos ao ponto de nos tornarmos inconscientes dos nossos atos e consequências com a ilusão de que estamos sendo hiperconscientes.

Nenhuma ideia devia ter tamanho poder, de nos dominar e determinar vereditos. Ela devia sempre ser relativizada. Ela deve ajudar a orientar ações e não determiná-las. O mito e a ideologia devoram os fatos.

As ideias nos permitem perceber as carências de nossas próprias ideias. Não podemos identificá-las com real, sob o risco de cairmos em ilusão.

O devemos sempre ter presente é inesperado, aquilo que nos surpreende. O novo está surgindo a cada momento. A maioria das ideias e teorias não tem a adaptabilidade de acolher o novo, e este não para de aparecer sem que possamos prevê-lo. E por isso devemos sempre estarmos abertos a rever nossas teorias e ideias ao invés de forçar o novo a se encaixar em velhas ideias ou negá-lo.

O conhecimento é incerto, e por isso qualquer tipo de educação deve pontuar grandes interrogações sobre a possibilidades de conhecer. A interrogação oxigena os conhecimentos.

A integração entre o conhecimento e o conhecedor, o conhecimento do que é conhecimento deve ser uma dos princípios permanentes para a educação. “Devemos compreender que, na busca da verdade, as atividades auto-observadoras deve ser inseparáveis das atividades observadoras; as autocríticas das críticas; os processos reflexivos, inseparáveis dos processos de objetivação.” (Morin, 2011 pg. 29)

Se é para ser possuído que sejamos possuídos pela ideia de crítica, autocrítica, de abertura, de complexidade. O que é necessário é um paradigma que cristalize e permita o conhecimento complexo. As possibilidades de erro e ilusão são múltiplas e permanentes sejam elas de origem externa, cultural, ou interna. Ambas fazem com que nossa mente se equivoque.

E é papel da educação armar cada um para a luta pela lucidez.

O segundo conhecimento necessário para a educação do futuro é o da pertinência do conhecimento. Temos um infinito número de conhecimentos, nas mais diversas esferas. E a era planetária em que vivemos tem como desafio situar todo esse conhecimento no mundo. Como ter acesso e como articular e organizar todo o conhecimento é um problema universal e de cada cidadão. Para Morin para que possamos organizar todos esses pensamentos e assim reconhecer e conhecer os problemas do mundo, é necessária a reforma do pensamento. Mas essa reforma é paradigmática e não programática. É questão fundamental da educação, já que se refere à nossa aptidão para organizar o conhecimento.

“Esse é um problema que confronta a educação do futuro pois temos os nossos saberes desunidos, compartimentados, divididos e de outro lado, as realidades ou os problemas cada vez mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais e planetários.” (Morin, 2011 pg 33). Essa inadequação tornou invisíveis os contextos, o global, o multidimensional e o complexo. E é papel da educação torná-los evidentes.

Só se conhece em contexto, ele é fundamental para a compreensão. O isolado não é suficiente. É o contexto que dá sentido, seja a palavra, ao texto, a ação, ao conhecimento e a própria realidade. E só a contextualização do conhecimento o faz eficaz.

O global, mais que o contexto, é o conjunto, a relação entre as diversas partes de modo inter-retroativo e organizacional. Como já falamos, o todo tem mais qualidades ou propriedades que não são encontradas nas partes. E precisamos recompor o todo para podermos compreender e alcançar nossos saberes. Precisamos perceber a qualidade holística de todos os conhecimentos e acontecimentos.

O ser humano, a sociedade, são multidimensionais. Somos biológicos, sociais, psicológicos, sociais, afetivos, racionais... A sociedade é histórica, sociológica, religiosa, econômica... E o conhecimento pertinente tem que reconhecer essa multidimensionalidade. Ou não será eficaz e capaz de compreender a mundo ao que se dedica compreender.

O conhecimento tem que enfrentar a complexidade do mundo. Todas as dimensões que citamos foram tecidas juntas na construção de nossa realidade e não há como compreendê-las separadas. A educação deve promover essa “inteligência geral”, que seja apta a referir-se ao complexo, ao contexto e ao multidimensional.

O terceiro saber necessário a educação do futuro, segundo Morin consiste em ensinar a condição humana. Conhecer o humano é saber situá-lo no universo. E não separá-lo dele, porque envolve questionar nossa posição no mundo. As ciências humanas são fragmentadas e

compartimentadas e não nos permitem enxergar o todo complexo ao que estamos ligados. É fundamental que a educação do futuro promova o remembramento desses conhecimentos com os das ciências naturais, para podermos situar a condição humana no mundo.

Somos seres plenamente biológicos, e também, somos seres plenamente culturais. O ser humano se realiza na cultura, se fossemos apenas biológicos seríamos primatas da escala mais baixa. Somos culturais mas essa cultura depende de uma mente que a produza. Essa mente, produto de um cérebro biológico. Não há como separar essas realidades e compreendê-las sem sua interdependência.

Somos seres multifacetados, “infantis, neuróticos, delirantes e também racionais. Isso é o que produz o estofado do propriamente humano” (Morin, 2011 pg. 53) O fato de não estarmos completamente presos ao real nos permite a genialidade e a criatividade. E a educação deveria demonstrar esse destino multifacetado, estudando e examinando a complexidade humana.

O quarto saber seria a identidade terrena. Perceber que o mundo tão complexo e tão difícil de ser compreendido e conhecido. Encolhido e vital nossa realidade atual se desenvolve e criou meios para sua própria destruição. Esse mundo, realidade complexa daquela fazemos parte é nossa pátria, não podemos nos desvincular dela e é necessário perceber que nas fronteiras imaginárias e culturais que criamos não são nada senão conseguimos salvaguardar esse planeta do qual todos dependemos.

É necessário aprender a estar aqui neste planeta. Conviver, compartilhar. Comungar e nos perceber terrenos e que sem essa percepção e cuidado não sobreviveremos. É necessário ensinar a não por o universal nas pátrias. Mas os Estados têm que estabelecer que o que é terreno é o vital.

Temos que integrar nossas diversas identidades, culturais, familiares, nacionais, sociais na planetária. Aprender a lidar com a diversidade, perceber-nos os mesmos nela, desenvolver a tolerância. O desafio da educação é ensinar a ética da compreensão planetária.

O quinto saber é o de saber enfrentar as incertezas. O futuro é incerteza, não há como combater. Ela é constante da nossa realidade e aprender a lidar com esse dado é crucial. O surgimento do novo não pode ser previsto.

É necessário aprender a lidar com as incertezas, nenhuma ação está segura de ocorrer no sentido de sua intenção. Devemos abrir mão dos programas fechados que tentamos ordenar o mundo e a realidade e utilizar de estratégia. A estratégia tem a grande vantagem de além de ter um objetivo definido a alcançar, levar em conta que a surpresa pode ocorrer, que a

incerteza pode surgir ao longo do processo e que os planos terão que ser redefinidos e readaptados. Preparar a mente para perceber que toda oportunidade comporta um risco, e perceber que o risco é uma oportunidade é um dos desafios da educação do futuro.

O sexto saber necessário é a compreensão. A terra cresceu conhecemos diversas culturas a compreensão delas é cada vez maior, mas, a incompreensão parece ter um avanço ainda maior. E por isso a compreensão se tornou um grande desafio para a educação do futuro.

A compreensão está polarizada em: um eixo planetário, os encontros entre povos, as relações que se multiplicam entre pessoas e culturas diferentes; e outro eixo individual relações particulares entre próximos, que cada dias estão mais ameaçadas pela incompreensão. Parece que o axioma que diz que “quanto mais próximos estamos melhor compreendemos” deve ser contraposto ao seu contrário “quanto mais próximos estamos menos compreendemos”. A proximidade tende a alimentar mal-entendidos, ciúmes, agressividade, intolerância, mesmo nos meios intelectualmente mais desenvolvidos.

A comunicação não garante a compreensão. A informação bem transmitida e aprendida traz inteligibilidade mas não compreensão.

Compreender consiste em aprender em conjunto. “Com-prehendere”, abraçar junto. A compreensão intelectual passa pela inteligibilidade e pela explicação. Mas a compreensão humana vai além da explicação. Esta comporta um conhecimento sujeito a sujeito. O outro não é apenas percebido objetivamente, é percebido como sujeito, como qual nos identificamos. É intersubjetiva. A compreensão pede abertura, simpatia e generosidade.

“Os obstáculos intrínsecos as das compreensões são enormes; são não somente indiferença, mas também egocentrismo, o etnocentrismo, o sociocentrismo, que tende a considerar secundário, insignificante e hostil tudo que é diferente.” (Morin, 2011 pg 83,84).

E necessária uma reforma planetária das mentalidades para que possamos alcançar a compreensão. E esta é também um grande desafio da educação do futuro.

O último saber necessário que Morin defende é a ética do gênero humano.

O gênero humano é composto pela tríade indivíduo-sociedade-espécie. Os indivíduos são mais que resultado da reprodução da espécie, mas esse processo é produzido por indivíduos a cada geração. Das interações desses indivíduos é produzida uma sociedade que retroage sobre o indivíduo. Esses elementos não só inseparáveis mas coprodutores. E no seio dessa triade complexo é que surge a consciência. A ética propriamente humana, antropoética é fruto dessa relação. E essa é a base para ensinar a ética do futuro.

“A antropoética compreende, assim, a esperança na completude da humanidade, como

consciência e cidadania planetária. Compreende por conseguinte, como toda ética aspiração e vontade, mas também aposta no incerto. Ela é consciência individual, além de individualidade.” (Morin, 2011. pg 94)

É necessário ensinar a democracia. Indivíduo e sociedade existem mutuamente. E a democracia favorece a relação rica entre indivíduo e sociedade. Onde o controle da máquina do Estado é exercido pelo controlado e desse modo reduz a servidão. Democracia mais que um regime político é a regeneração contínua de uma cadeia complexa e retroativa: os cidadãos produzem a democracia, que produz cidadãos.

A democracia é complexa, se autolimita na figura dos três poderes, garante os direitos individuais e garante a vida privada. Ela depende do consenso dos cidadãos, mas também da diversidade e do antagonismo. O conflito de ideias e de opiniões conferem a ela vitalidade. A democracia vive de pluralidades que permanecem como comunidade.

Assim como é necessário ensinar a cidadania terrestre, compartilhamos um destino somos apenas um gênero, o humano, que compartilha o mesmo planeta, e este depende de nós para sua sobrevivência. A noção ética a ser compartilhada é o que deve ser realizado por todos e cada um.

### **Considerações Finais**

Com isso podemos concluir que o papel da Filosofia na construção desse novo paradigma consiste no desenvolvimento de um espírito problematizador. Levando o aluno a questionar e a lidar com a interrogação e a incerteza do mundo atual e a questionar todas as ideias impostas como verdades estabelecidas.

A filosofia deve contribuir eminentemente para o desenvolvimento do espírito problematizador. A filosofia é, acima de tudo, uma força de interrogação e de reflexão, dirigida para os grandes problemas do conhecimento e da condição humana. A filosofia, hoje retraída em uma disciplina quase fechada em si mesma, deve retomar a missão que foi a sua – desde Aristóteles a Bergson e Husserl – sem, contudo, abandonar as investigações que lhe são próprias. Também o professor de filosofia, na condução de seu ensino, deveria estender seu poder de reflexão aos conhecimentos científicos, bem como à literatura e à poesia, alimentando-se ao mesmo tempo de ciência e de literatura. (MORIN, 2003, 23)

Não se trata apenas de ensinar filosofia mas de ensinar filosoficamente. Ensinar o indivíduo a questionar constantemente o que lhe é apresentado e ainda assim aceitar e escutar o que o diferente tem a lhe ensinar.

A filosofia, ao contribuir para a consciência da condição humana e o aprendizado da vida, reencontraria, assim, sua grande e profunda missão. Como já acusam as salas e os bares de filosofia, a filosofia diz respeito à existência de cada um e à vida cotidiana. A filosofia não é uma disciplina, mas uma força de interrogação e de reflexão dirigida não apenas aos conhecimentos e à condição humana, mas também aos grandes problemas da vida. Nesse sentido, o filósofo deveria estimular, em tudo, a aptidão crítica e autocrítica, insubstituíveis fermentos da lucidez, e exortar à compreensão humana, tarefa fundamental da cultura. (Morin, 2008, pg 54)

É desenvolver sua aptidão não apenas para criticar o outro mas também a si mesmo. Aceitar que podemos errar e com isso ainda crescer. Essa desenvolver a disposição de sempre aprender. Nos perceber como integrantes de um mundo que se interrelaciona com a nossa individualidade. Estabelecer o elo entre o todo e as partes e estar o tempo todo a essa conexão.

O papel da Filosofia na construção da educação do futuro é voltar a sua origem, a sua missão original de questionadora e reflexiva. Aquela que leva o espírito humano sempre em busca de estar apto a apreender e reaprender. Sempre questionando até mesmo suas próprias questões.

### **Bibliografia Consultada**

MARIOTTI, Humberto. As paixões do ego. Complexidade, política e solidariedade. São Paulo: Palas Athena, 2000.

MORIN, Edgar Introdução ao Pensamento Complexo – Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005.

MORIN, Edgar A Cabeça Bem Feita: *repensar a reforma, reformar o pensamento* RJ: Bertrand Brasil, 2008.

MORIN, Edgar Os Sete Saberes Necessários a Educação do Futuro. 2ed revisada - UNESCO, 2011.

MORIN, Edgar A Religação dos Saberes, *os desafios do século XXI. 10 edição* RJ: Bertrand Brasil, 2012

SCHACTER, Daniel L. Os Sete Pecados da Memória. Editora Rocco, 2003.

<http://www.teoriadacomplexidade.com.br/textos/teoriadacomplexidade/Complexidade-e-PensamentoComplexo.pdf>

<http://www.teoriadacomplexidade.com.br/textos/teoriadacomplexidade/O-imprinting-e-a-linguagem.pdf>

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-04712009000100008&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-04712009000100008&script=sci_arttext)

